

Língua como poder simbólico



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Coleção Linguística Contemporânea

Série Estudos Linguísticos

Comissão Editorial

ANNA CHRISTINA BENTES DA SILVA, COORDENADORA (UNICAMP)

JEAN CRISTTUS PORTELA (UNESP) – MARCELO MÓDOLO (USP)

RODRIGO BORBA (UFRJ) – SEBASTIÃO CARLOS LEITE GONÇALVES (UNESP)

REPRESENTANTE DO CONSELHO EDITORIAL: FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES (UEL)

Claire Kramsch

Língua como poder simbólico

Tradução

Cynthia Costa

EDITORIA
UNICAMP

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Gardênia Garcia Benossi – CRB-8ª / 8644

K861L Kramsch, Claire, 1935-
Língua como poder simbólico / Claire Kramsch ; tradução: Cynthia Costa – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2025.

Título original: *Language as symbolic power*

1. Linguística. 2. Linguagem. 3. Antropologia simbólica. 4. Violência simbólica.
I. Costa, Cynthia Beatrice. II. Título.

CDD – 410
– 400
– 306.4
– 303.6

ISBN 978-85-268-1825-5

Copyright © 2021 by Cambridge University Press
Copyright © 2025 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade da autora e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Editora associada à



Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tél.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

COLEÇÃO Linguística Contemporânea

Série Estudos Linguísticos

Esta série visa publicar obras de formação que permitam compreender a centralidade da linguagem na compreensão dos amplos processos de mudança social que estão ocorrendo no interior das sociedades contemporâneas. A série tem por base a compreensão da natureza social da linguagem e de sua centralidade como fatores explicativos da contínua construção das subjetividades e da cognição social. Além disso, busca dar a conhecer a relação da linguagem humana com outros sistemas semióticos, explicativa da emergência e da consolidação das práticas sociais, comunicativas e discursivas.

Agradecimentos

Este livro é o resultado de muitos acasos felizes. Depois de ministrar por vários anos uma disciplina de graduação intitulada “*Language and power*” (“Língua e poder”) em meu departamento de alemão na Universidade da Califórnia, em Berkeley (UC Berkeley), um colega meu naquele departamento, o professor Robert Holub, que acabara de se tornar reitor de Graduação, convidou-me, na primavera de 2006, para ministrar novamente a disciplina no recém-instituído programa “*Discovery Courses*” (“Disciplinas de descoberta”) na Faculdade de Letras e Ciência. Seria direcionado a um público geral de jovens de 18 a 22 anos de todo o *campus*; o curso atenderia ao requisito de amplitude das ciências sociais e comportamentais e das artes e literatura, bem como aos requisitos dos estudos em educação e estudos linguísticos aplicados.

As “Disciplinas de descoberta”, lançadas no outono de 2005, eram promovidas no *website* como “deliberadamente projetadas para envolver e inflamar as mentes de não especialistas, [e] para serem inesquecíveis”. Seus nomes variavam de “Física para futuros presidentes”, “Física e música” e “Introdução à astronomia geral” a “Riqueza e pobreza” e “Questionando a eficiência: fatores humanos e fenomenologia existencial”, entre muitos outros. A disciplina L&S180, “*Language and power*”, foi adicionada em 2006 e, desde então, tem sido ministrada todos os anos, por 12 anos. A descrição de seu programa é a seguinte:

Diz o provérbio: “paus e pedras/ podem quebrar meus ossos/ mas palavras nunca me machucarão”. Mas será que é assim mesmo? Todos nós sabemos que as pessoas fazem coisas com as palavras e que as palavras, por sua vez, fazem coisas com as pessoas. A língua pode informar ou enganar, seduzir ou insultar, fazer com que nos apaixonemos ou acabar com a nossa reputação. O que há na língua que lhe dá

esse poder? Como os sons em uma conversa ou os sinais em uma página podem nos fazer rir ou chorar? Por que somos tão apegados ao idioma com o qual crescemos? Por que um idioma estrangeiro pode ser tão sexy? O que é necessário para falar e ser não apenas ouvido, mas de fato respondido? Como nossas palavras lembram, imaginam, antecipam e respondem às palavras dos outros? E como podemos adquirir um poder de conversação? Esta disciplina explora o funcionamento da língua como poder simbólico social na vida cotidiana. Examinaremos o discurso da política e da mídia, dos livros infantis e das propagandas, a psicologia e o discurso corporativo, bem como a relação entre língua e identidade, ideologia e mito.

Gostaria de agradecer a Bob Holub e Alix Schwartz, que me deram a oportunidade de ministrar a disciplina, bem como aos meus muitos alunos de pós-graduação que trabalharam comigo ao longo dos anos – Jessica Adams, Leticia Allais, Katie Bernstein, David Gramling, Chris Hebdon, Emily Hellmich, Michael Huffmaster, Jennifer Johnson, Noah Katznelson, David Malinowski, Jaran Shin, Kimberly Vinall, Tim Wolcott. Colegas da Universidade da Califórnia: Andrew Cohen, George Lakoff, Robin Lakoff, Geoffrey Raymond, James Rule, Dan Slobin e Alexei Yurchak demonstraram grande generosidade ao ministrar aulas como convidados. Os cerca de 1.500 alunos que fizeram a disciplina ao longo dos anos contribuíram muito para as ideias apresentadas neste livro com suas perguntas investigativas, seus exemplos vívidos do funcionamento da língua em suas vidas cotidianas e sua disposição de se envolver com seus paradoxos. Um agradecimento especial a Rotem Bluvstein, Michael Bronstein, Sarah Cardullo, Rachel Fernandez, Jian Gao, Tomajin Morikawa, Lindsay Nolan e Charlotte Zhang, por suas percepções em nossas horas de café após as aulas semanais. O livro também se beneficiou do *feedback* que recebi de vários públicos diferentes em todo o mundo. Um agradecimento caloroso aos organizadores do encontro anual da Associação Holandesa de Linguística Aplicada, ocorrido em junho de 2018; a Peppi Taalas, da EuroCALL, na Finlândia, em agosto de 2018; e a Melina Porto, por uma oficina de uma semana na Universidade de la Plata, na Argentina, em setembro de 2018, na qual apresentei partes deste livro. Minha gratidão a outros que me convidaram para dar palestras sobre a língua como poder simbólico em suas universidades: Brigitta Busch, em Viena; Aymen El-Sheikh, no Catar; Claudia Finkenbeiner, em Kassel; Britta Freitag-Hild, em Potsdam; Muriel Grosbois, em Paris; Adelheid Hu, em Luxemburgo; Ulrike Jessner, em Innsbruck; Lotta König, Brigitte Schädlich e Carola Surkamp, em Göttingen; Christiane Lütge, em Munique; Bernd Rüschoff,

em Essen. As ideias discutidas neste livro se beneficiaram enormemente de minhas conversas com Uwe Koreik durante meu semestre na Universidade de Bielefeld como professora bolsista da cátedra Harald Weinrich em 2016, e com Fiona Copland no meu semestre na Universidade de Stirling como professora do Carnegie Centennial, na primavera de 2017. Eles aprimoraram minha compreensão do poder social e histórico da língua nos contextos alemão e escocês. Na UC Berkeley, Laura Sterponi, Zehlia Babaci-Wilhite e Rick Kern me convidaram generosamente para palestrar sobre língua e poder simbólico em suas aulas. O Berkeley Language Center e meus colegas professores de idiomas me acolheram de forma calorosa e simpática. Sou particularmente grata a Rutie Adler, Annamaria Bellezza, Niko Euba, Mark Kaiser, Rick Kern, Karen Moeller, Chika Shibahara, Claire Tamen e Lihua Zhang por sua disposição para debater as ideias apresentadas neste livro. Jessica Adams e Noah Katznelson ajudaram a encontrar exemplos para os vários capítulos. Agradecimentos especiais a David Gramling, por sua generosa e minuciosa revisão.

Ao escrever este livro, é claro que estou sobre os ombros de gigantes. Minhas ideias sobre a língua como poder simbólico se desenvolveram ao longo das décadas, não apenas graças à minha crescente impaciência com uma pesquisa sobre educação em língua estrangeira que sempre parecia carecer de alguma coisa, como também pelo desejo crescente de compartilhar com meus colegas linguistas aplicados a imensa dívida que tenho com os estudiosos perspicazes e intelectualmente generosos que conheci pessoalmente ao longo da minha carreira e cujo trabalho me inspirou mais do que posso descrever, entre os quais Pierre Bourdieu, Judith Butler, John Gumperz, Dell Hymes, George e Robin Lakoff, Paul Ricœur, Ron Scollon, Dan Slobin e Henry Widdowson. Mesmo que muitos não se reconheçam neste livro, seus escritos moldaram meus pensamentos, e não tenho palavras para agradecer-lhes o suficiente.

Por fim, gostaria de agradecer à minha querida amiga e coeditora desta série da Cambridge University Press, Zhu Hua, cujo entusiasmo me fez sempre continuar, bem como a Andrew Winnard, que nos convidou a lançar esta série. Um agradecimento a Rebecca Taylor, Isabel Collins e sua equipe na Cambridge University Press, que conduziram este livro à produção com empatia e maravilhosa atenção profissional aos detalhes, e à minha excelente indexadora, Susan Storch.

Quando este livro foi impresso pela primeira vez, a pandemia de covid-19 estava assolando o mundo todo, realçando desigualdades e injustiças de longa

data. Mas também revelou forças extraordinariamente poderosas em prol da justiça social, lideradas por uma nova geração, que são socialmente conscientes e politicamente experientes. Espero que o livro possa contribuir para uma nova onda de conscientização nos próximos anos.

Sumário

LISTA DE FIGURAS.....	15
INTRODUÇÃO: Língua: uma arma carregada?	17

PARTE I

O PODER DA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

1. “EU FALO, LOGO EXISTO”	39
O que representa um muro?.....	39
1.1 O poder de significar e categorizar	44
1.2 O poder de interpretar	47
1.3 O poder de manipular	52
1.4 O poder de construir sentido.....	55
1.5 “ <i>Ein Tisch ist ein Tisch</i> ”. Será?	58
Sugestões de leitura	60
2. O PODER DA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA	63
<i>La raison du plus fort</i>	63
2.1 A razão do mais forte	65
2.2 Da referência à representação: Saussure e além	68
2.3 O poder da representação simbólica.....	71
2.4 Três maneiras de analisar a representação simbólica	73
2.5 A política da representação.....	82
Sugestões de leitura	84

3.	NARRATIVAS DE PODER – O PODER DA NARRATIVA.....	89
	“Pfui! Garstiger Struwwelpeter!”	89
3.1	Uma narrativa de poder: “João Felpudo” (1845)	91
3.2	Do que realmente trata a narrativa “João Felpudo”	97
3.3	De <i>A pequena locomotiva que podia</i> (1930) até <i>O gato na cartola</i> (1957)	100
3.4	Diferentes tribos, diferentes escribas	103
3.5	Do prescritivismo moral ao perspectivismo ético.....	104
3.6	O poder político da narrativa.....	107
	Sugestões de leitura.....	109

PARTE II

O PODER DA AÇÃO SIMBÓLICA

4.	“FAÇO COISAS COM PALAVRAS, LOGO EXISTO”	115
	“Alguém me livra desse padre enxerido?”	115
4.1	“Eu faço coisas com palavras, logo existo”	117
4.2	A estrutura performativa da prática comunicativa	118
4.3	Rituais de interação e poder simbólico	125
4.4	A economia das trocas simbólicas e o poder das instituições.....	128
4.5	Prática comunicativa como disputa de poder simbólico	130
	Sugestões de leitura.....	133
5.	DO PODER SIMBÓLICO À VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	137
	“Eu te amo” como violência simbólica.....	137
5.1	O que é violência simbólica? Bourdieu e Foucault.....	139
5.2	Os paradoxos da violência simbólica	143
5.3	O efeito perlocucionário.....	144
5.4	Um exemplo de violência individual: o imperativo da reciprocidade	145
5.5	Um exemplo de violência institucional: sistema educacional	151
5.6	Um exemplo de violência comunicativa: desigualdades conversacionais	155
	Sugestões de leitura.....	157

6.	QUANDO A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA VIRA GUERRA	
	SIMBÓLICA.....	161
	“Fogo e fúria como o mundo jamais viu”	161
6.1	O que é guerra simbólica?.....	162
6.2	Guerra simbólica e populismo	164
6.3	Um estudo de caso de guerra simbólica: Donald Trump.....	165
6.4	“Novilíngua” trumpiana.....	170
6.5	Política no Twitter.....	172
6.6	Resistindo à guerra simbólica.....	173
	Sugestões de leitura	176

PARTE III

O PODER DE CRIAR A REALIDADE SIMBÓLICA

7.	“EU SOU VISTO E COMENTADO, LOGO EXISTO”.....	181
	Harambe: o gorila, o mártir, o <i>meme</i>	181
7.1	De notícias locais a eventos midiáticos e <i>memes</i>	182
7.2	De uma leitura modernista para uma leitura modernista tardia por meio do existencialismo e do construtivismo social	186
7.3	Da sociedade disciplinar à sociedade do espetáculo.....	190
7.4	Sociedade expositiva de Harcourt.....	195
7.5	Da medialidade à documedialidade	197
7.6	Viralidade, comunidade, convívio	198
	Sugestões de leitura	202
8.	LÍNGUA COMO PODER SIMBÓLICO NA ERA DIGITAL.....	205
	O Facebook & eu	205
8.1	Mídia digital como sistemas simbólicos sociais	206
8.2	Mídias sociais como plataformas para o exercício do poder simbólico.....	212
8.3	Controle algorítmico	215
8.4	Uma revolução social e cultural.....	218
8.5	Pós-verdade e outras desinformações na era da informação	223

8.6 Robótica e poder simbólico: IA e Google Tradutor	225
Sugestões de leitura.....	226
9. ENVOLVENDO-SE COM O PODER SIMBÓLICO – RESPONDENDO À VIOLÊNCIA SIMBÓLICA	229
Como Ser Ciapelletto virou Santo Ciapelletto	229
9.1 Tempo: a promessa política do performativo em Butler	231
9.2 Espaço: estratégias e táticas em Michel de Certeau.....	236
9.3 Tempo-espaço: dialogismo e endereçamento em Bakhtin.....	240
9.4 Causalidade: “a razão dos efeitos” em Bourdieu	245
9.5 Pós-humanismo em Pennycook e Latour	248
Sugestões de leitura	251
CONCLUSÃO.....	253
Língua: a medida de nossas vidas simbólicas	253
C.1 Resumo do argumento	254
C.2 Implicações para a pesquisa em linguística aplicada.....	259
C.3 Implicações para o ensino comunicativo de idiomas	260
C.4 Poder simbólico na prática educacional	262
C.5 De volta à ética e à política	263
C.6 “Linguagem – a medida de nossas vidas”: um tributo a Toni Morrison.....	267
GLOSSÁRIO.....	273
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	281
ÍNDICE REMISSIVO	299

LISTA DE FIGURAS

2.1 As duas cabeças falantes de Saussure	69
9.1 A sobrevivência linguística é possível devido à iterabilidade do discurso aberto tanto para o passado quanto para o futuro.....	235

INTRODUÇÃO

Língua: uma arma carregada?

Em seu pequeno clássico *Language – The loaded weapon: The use and abuse of language today* (“Língua – a arma carregada: o uso e abuso da língua hoje”, em tradução livre), publicado em 1980, mas concebido na década de 1970, no auge da Guerra Fria, o linguista Dwight Bolinger, de Harvard, examina a maneira como a língua não é apenas estudada por linguistas, mas também como é praticada por profissionais da língua, como críticos de cinema e teatro, jornalistas das redes de rádio e TV e produtores de conteúdo em geral, consultores das áreas de comunicação e educação, assessores do governo e professores de línguas (entre eles, professores de idiomas estrangeiros) – em suma, por especialistas profissionais ou, pelo menos, especialistas nos recursos da língua para expressar, informar, ensinar e manipular as pessoas e conduzi-las à ação. Esses “xamãs” verbais, como ele os chama, deveriam, em sua opinião, unir forças com linguistas, psicólogos e sociolinguistas para conscientizar o público em geral sobre a natureza da língua. Em uma época em que a linguística aplicada tinha acabado de decolar nos Estados Unidos,¹ em seu livro Bolinger tirou a linguística de sua torre de marfim e mostrou como a língua inglesa estava sendo usada e abusada por falantes e escritores em seu dia a dia, mas também por estrategistas de *marketing*, políticos e “jargonautas” (p. 125) no mundo real da época. Em 1981, o livro recebeu o prêmio George Orwell Award, criado em 1975 pelo National Council of Teachers of English (Conselho Nacional de Professores de Inglês), organização que premia autores “que fizeram contribuições extraordinárias para a análise crítica do discurso público”.

Bolinger tinha um motivo para se preocupar com a língua. Embora o mundo tivesse superado o ataque de propaganda e desinformação realizado por amigos e inimigos durante a Segunda Guerra Mundial, ainda estava no

auge da guerra retórica da Guerra Fria. George Orwell (1949) havia satirizado a “novilíngua”* (*newspeak*) comunista, mas havia muita “novilíngua” no lado capitalista também. A ascensão do entretenimento televisivo e da mídia estava gerando clichês publicitários, *slogans*, hipérboles, meias-verdades e o uso da língua para “fazer amigos e influenciar pessoas”, que Dale Carnegie havia tornado famoso já antes da guerra (Carnegie, 1936) e que Vance Packard condenou veementemente após a guerra (Packard, 1957, 1964). Essas eram as práticas linguísticas de lavagem cerebral de uma cultura de consumo em rápido crescimento, às quais Bolinger e outros estudiosos de diferentes áreas reagiram nas décadas de 1970 e 1980 – por exemplo, Robin Lakoff (1975), Erving Goffman (1981) e Bourdieu (1977a, 1977b, 1982) em sociologia e sociolinguística; e Barthes (1972), Lyotard (1984) e Baudrillard (1983) em estudos culturais.

Em *Language – The loaded weapon*, Bolinger adotou uma perspectiva linguística para examinar os usos da língua nos Estados Unidos dos anos 1970: a propaganda política, o sexismo e os eufemismos do *lobby* das armas e da indústria do tabaco, que manipulavam a imaginação das pessoas e fabricavam uma realidade social que, com frequência, não passava de pura ilusão. Após uma série de “prescrições” para que os profissionais limpassem sua língua de características abusivas, Bolinger fez a seguinte recomendação aos xamãs da informação: “Deveria ser tão natural comentar sobre a probidade linguística de figuras públicas quanto comentar sobre sua probidade financeira – em ambos os casos, sistemas simbólicos de propriedade comum estão sendo manipulados” (p. 186). O livro termina com uma citação de John Ciardi: “Diga-me o quanto uma nação sabe sobre a própria língua, e eu lhe direi o quanto essa nação se preocupa com a própria identidade” (p. 188).²

Língua como ação simbólica

Hoje, as recomendações de Bolinger não soam mais como novidade, mas continuam assustadoramente visionárias. Nosso mundo parece estar a eras de distância do mundo de Bolinger dos anos 1980. O advento da internet e de uma economia de mercado globalizada e desregulamentada, a disseminação do inglês como idioma global e o uso e a sofisticação cada vez maiores das tecnologias de informação e comunicação mudaram a

* *Newspeak* por vezes também é traduzido como “novalíngua” e “novafala” no Brasil. (N. da T.)

natureza e o papel do idioma a tal ponto que é preciso nos perguntarmos se estamos falando da mesma coisa. O que queremos dizer com “língua”? E com “uso da língua”?

Em comparação com a década de 1980, nossa época ainda se preocupa em falar com clareza e precisão, em ter acesso igualitário à mídia e ao livre fluxo de mensagens e em ter a capacidade de falar a verdade, mas de maneiras diferentes daquelas previstas por Bolinger. De muitas maneiras, o computador diversificou nossos critérios do que aceitamos como discurso, democratizou nosso acesso à informação e ampliou o fluxo de informações de modo exponencial, mas também mudou a natureza da verdade. Ao mudar a escala e o escopo de nossas comunicações, a era digital reformulou a nossa relação com a língua e o nosso poder de sermos ouvidos e levados a sério. As mídias sociais, em específico – que, de maneira idealista, afirmam querer apenas “conectar as pessoas ao redor do mundo” –, agora são vistas como criadoras de dependência, ansiedade e alienação, além de minarem a própria democracia. A propaganda política grosseira da Guerra Fria foi substituída pelas chamadas “tecnologias de persuasão”, muito mais sutis, do Facebook e do Google.³

Alguns populistas diriam até mesmo que a nossa não é uma era de persuasão, mas de mobilização; as pessoas agem em tribos mobilizadas pelo poder simbólico de comícios de grande escala e da mídia social. Além disso, a competitividade exacerbada de uma economia de mercado neoliberal aumentou a quantidade de vigilância e de controle de consumidores, cidadãos e representantes da força de trabalho. Nossas práticas linguísticas estão sendo sancionadas por nossos “amigos” no Facebook, monitoradas por nosso empregador no local de trabalho e autodisciplinadas por nosso medo de sair da linha, de nos tornarmos invisíveis ou, pior, de enlouquecermos. Mais do que nunca, sentimos a pressão para nos conformarmos e tememos retaliações se não o fizermos. Os métodos de retaliação tornaram-se velados: humilhação e vergonha social, ameaça à perda de legitimidade, prejuízo à reputação, opróbrio social, condenação à irrelevância e, em última análise, o total esquecimento.

Esse é o pano de fundo no qual nossos alunos estão aprendendo e usando a língua em sua vida cotidiana. A pressão social que eles experimentam é simbólica – transmitida por palavras e imagens, *on-line* e presencialmente, faladas e lidas, *tuitadas* e publicadas em *blogs*, exercendo seu poder simbólico para influenciar suas percepções, memórias e expectativas sobre si e sobre os outros. A língua tornou-se menos um modo de informação do que de

gerenciamento de impressões e manipulação emocional. Este livro tem como objetivo mudar o foco das dimensões instrumentais para as dimensões simbólicas da língua, responsáveis por seu incrível poder de afetar a visão que as pessoas têm de si mesmas e do mundo – a língua não como uma arma carregada e potencialmente perigosa, mas como um discurso com efeitos simbólicos.

Definição de termos

Com frequência, os aspectos simbólicos da língua são ocultados na linguística aplicada por uma ênfase exagerada nos aspectos econômicos ou materiais da vida, do trabalho e da própria língua em uma economia neoliberal. Para muitos alunos de idiomas, por exemplo, a língua aprendida apenas reflete uma realidade externa e objetiva, composta de dinheiro, empregos e bens de consumo. Mas isso é ignorar a natureza simbólica dos sistemas simbólicos que, assim como a língua, as imagens e a música, não apenas representam e informam, mas agem sobre nossas emoções, nossas identidades, e em como nos posicionamos em relação aos outros e como somos vistos por eles.

O que quero dizer com simbólico?

Qualquer aluno de idiomas sabe que a língua é um sistema simbólico, ou seja, um sistema semiótico composto de signos ou símbolos linguísticos que, em combinação com outros signos, forma um código que aprendemos a manipular para criar significado. Mas, para além disso, os alunos em geral acreditam que os elementos desse código têm significados que podem ser encontrados em dicionários, que esses significados constituem informações que podem ser obtidas a partir de textos e reproduzidas em conversas, e que o único problema para entender e ser entendido por outras pessoas consiste em codificar e decodificar corretamente as mensagens de acordo com as regras impostas por uma determinada comunidade de falantes nativos. O fato de esse ambiente cultural ter sido historicamente construído, socialmente moldado e individualmente manipulado pelo próprio discurso de falantes como eles próprios não é algo em que costumam pensar. De fato, eles não gostam de pensar que os enunciados têm efeitos e que a língua não só tem um poder informativo semiótico, como um poder simbólico muito mais